

BIOGRAFIAS

MARIA JOÃO PIRES

Maria João Pires nasceu a 23 de Julho de 1944, em Lisboa. Tocou pela primeira vez em público em 1948. Em Portugal estudou com Campos Coelho e Francine Benoit, e mais tarde, na Alemanha, com Rosl Schmid e Karl Engel.

Gravou para a editora Erato durante 15 anos e, nos últimos 17 anos, para a Deutsche Grammophon.

Desde 1970 tem-se dedicado à reflexão sobre a influência da arte na vida, na comunidade e na escola, tentando desenvolver novos meios de implementação das teorias pedagógicas na sociedade. Pesquisou novas formas de comunicação que respeitam o desenvolvimento pessoal, em oposição à lógica destrutiva e materialista da globalização. Em 1999, Maria João Pires criou o Belgais, um centro para o estudo das Artes, tendo actualmente alargado a filosofia e pedagogia de Belgais à cidade da Baía, no Brasil.

Em 2005 criou o Art Impressions, um grupo experimental de teatro, dança e música e, em conjunto, produziram dois projectos - "Transmissions", e em 2007 "Schubertiade".

RUFUS MÜLLER

No seguimento de uma actuação recente no Carnegie Hall, o *The New York Times* escrevia a respeito do tenor anglo-germânico Rufus Müller: "...de longe, o melhor tenor que já ouvi num concerto ao vivo de *Messiah*." É o Evangelista nas *Paixões de Bach*, e a sua interpretação única e dramática do personagem veio confirmar o seu estatuto de um dos cantores mais requisitados do mundo. Apresentou-se na estreia mundial da aclamada produção da *Paixão segundo São Mateus* de Jonathan Miller, que também gravou para a United e transmitida pela BBC TV; recentemente, repetiu a sua actuação numa reposição da produção na Brooklyn Academy of Music, em Nova Iorque.

No domínio da oratória e da ópera trabalhou com maestros prestigiados, como Franz Welser-Möst, Sir John Eliot Gardiner, Roger Norrington, Ivor Bolton, Richard Hickox, Nicholas McGegan, Gustav Leonhardt, Frans Brüggen, Trevor Pinnock, Philippe Herreweghe, Joshua Rifkin, Andrew Parrott, Nicholas Kraemer e Ivan Fischer. Tem actuado a solo no Wigmore Hall e no Barbican Concert Hall em Londres, bem como para a BBC Radio, e em Munique, Tóquio, Barcelona, Madrid, Utreque, Paris, Salzburgo e Nova Iorque. Apresenta-se regularmente com a pianista Maria João Pires, com quem já actuou em Espanha, Portugal, Alemanha, Irlanda, Japão e Reino Unido.

Nos seus papéis na ópera destacam-se Tamino (Garsington Opera) Lucano em *L'Incoronazione di Poppea* (Houston Grand Opera), as personagens principais em *Pygmalion* de Rameau e *Persée* de Lully (Opera Atelier em Toronto), em *Orfeo* de Monteverdi (Opera Zuid na Holanda), Aminta em *Euridice* de Peri (Opéra de Normandie), Alessandro em *Porro* de Handel (Halle) e Lurcanio em *Ariodante* de Handel em Göttingen com Nicholas McGegan gravado para o CD premiado pela Harmonia Mundi EUA. Cantou também Tersandre em *Roland* de Lully com René Jacobs, em Paris, Lisboa e Montpellier, Giuliano em *Rodrigo* de Handel em Siena, Castor em *Castor et Pollux* de Rameau em Magdeburg, *Il Ritorno di Ulisse in Patria* em Atenas, Florença e Cremona, Oronte em *Alcina* com Paul Goodwin e a Academia de Música Antiga em Montreux e Poissy, e Soliman em *Zaide* com Ivor Bolton e a Freiburg Baroque Orchestra em Londres.

Outras gravações incluem a *Paixão Segundo S. João* e as *Cantatas* de Bach com John Elliot Gardiner para a DG Archiv, *A Flauta Mágica* de Mozart e a *Choral Fantasia* de Beethoven com Roger Norrington para a EMI, *First Book of Airs* de Dowland com o alaudista Christopher Wilson para a ASV, *O tuneful voice* de Haydn e canções de Benda com a soprano Emma Kirkby, e três gravações com canções do século XIX com Invocation, todas para a Hyperion, *Admiralitätsmusik* de Telemann

na CPO, cantatas a solo de Telemann na Capriccio, *Evidence of Things Not Seen* de Ned Rorem com o New York Festival of Song para a New World Records, e canções de Franz Lachner com Christoph Hammer para a Oehms Classics.

As suas recentes actuações como o Evangelista tiveram lugar em Lucerna, Munique, Toronto, Calgary, Nova Iorque, Londres, Birmingham, Gotemburgo, Estocolmo, Copenhaga, Dortmund e no Killaloe Festival na Irlanda e no Berkshire Choral Festival nos EUA. Das suas muitas interpretações do *Messiah* incluem-se récitas no Carnegie Hall em Nova Iorque, uma digressão em Espanha transmitida pela televisão com Trevor Pinnock e o English Concert, bem como apresentações no Canadá, Dinamarca, Noruega, Suécia e Reino Unido. Muitos outros concertos tiveram lugar como as *Cantatas* de Bach com John Eliot Gardiner em Londres, obras de Bach e Handel com a Philharmonia Baroque Orchestra e Nicholas McGegan em São Francisco, uma digressão europeia de *Casals El Pessebre* com a Berlin Symphony Orchestra *Magnificat* de Bach no BBC Proms, e *Dies Natalis* de Finzi com a Orchestra della Svizzera Italiano e Thierry Fischer.

Em recital, merecem especial destaque *Die Schöne Müllerin* de Schubert, em Munique e Barcelona, um concerto no âmbito da exposição de Burne-Jones no Museu de Orsay, em Paris, o Mozart Festival em Salzburgo, e actuações com o New York Festival of Song.

A temporada de 2006/2007 teve como pontos altos a *Harmoniemesse* de Haydn com a Cleveland Orchestra, a *Missa em Dó menor* de Mozart em Uppsala, Suécia, *Messiah* em Washington DC, Toronto e Nova Escócia, *Die Erste Walpurgisnacht* de Mendelssohn na Gran Canaria, o Evangelista na *Paixão segundo São Mateus* em digressão com a Orchestra of the Age of Enlightenment, e recitais no Wigmore Hall e em Espanha com Maria João Pires.

Rufus Müller nasceu em Kent, Inglaterra, e estudou canto no New College em Oxford. Actualmente está a estudar em Nova Iorque com Thomas LoMonaco. Em 1985 ganhou o 1º Prémio no English Song Award em Brighton, e em 1999 foi premiado na Oratorio Society of New York Singing Competition. É professor assistente convidado de música no Bard College.

PAVEL GOMZIAKOV

Nasceu na cidade de Tchaikovski, nos montes Urais na Rússia, em 1975. Iniciou os seus estudos de violoncelo aos 9 anos. Aos 14, mudou-se para Moscovo, onde estudou na Gnessin School, e, mais tarde, no Conservatório Estatal de Moscovo, com o professor Dmitri Miller.

Em 2000, prosseguiu os estudos com a professora Natalia Schakhovskaya na Escola Superior de Música Reina Sofia, em Madrid. Mais tarde, graduou-se no "ciclo de aperfeiçoamento" do Conservatório Nacional de Paris, na classe de Philippe Müller. Como solista e intérprete de música de câmara, Pavel apresentou-se por todo o mundo, colaborando com artistas como Eldar Nebolsin, Zakhar Bronn, Gerard Causse, Jose-Luis Garcia Asencio, Jesus Lopez Cobos, Anthony Ros-Marba, entre muitos outros.

Toca num violoncelo Bernardel-pere de 1865 fabricado em Paris, cortesia da Zilber Association.

Desde a sua actuação com Maria João Pires no Festival Escorial em Espanha, têm-se apresentado muitas vezes em conjunto pela Europa, Extremo Oriente e América do Sul. No Outono de 2008 será lançado um CD das Sonatas para violoncelo de Chopin, com Pavel e Maria João Pires, pela editora Deutsche Grammophon.

LUDWIG VAN BEETHOVEN

(Bona, 16 de Dezembro 1770 – Viena, 26 de Março 1827)

Beethoven foi um dos compositores mais importantes da história da música ocidental. Revolucionário por natureza, fez evoluir a linguagem musical do

classicismo para o romantismo, espelhando assim a conturbada realidade política e social do início do século XIX. Mais ainda, a imagem que hoje temos do compositor continua a ser o arquétipo da imagem do artista, o que não impede que a música de Beethoven esteja entre as mais celebradas, populares e interpretadas.

Beethoven nasceu em Bona, no dia 16 de Dezembro de 1770. O pai e, sobretudo, o avô estavam ligados à música e foi do primeiro que obteve as suas primeiras aulas. Em 1779 torna-se aluno de Christian Gottlob Neefe e, cinco anos mais tarde, seu assistente como organista da corte do Eleitor. Em 1786, Beethoven visita Viena pela primeira vez, mas é em 1792 que, com o apoio do conde Waldstein, o jovem músico se instala na cidade. O pretexto era estudar com J. Haydn, o que só acontece esporadicamente, sendo que Beethoven tem também aulas com Schenk, Albrechtsberg e Salieri. Nesta época, era sobretudo conhecido como pianista e improvisador virtuoso, mas em 1795, com a edição dos *Trios com Piano*, op. 1, começa também a estabelecer-se como compositor. Em 1798 descobre que sofre de surdez progressiva e embora só tenha ficado completamente surdo por volta de 1819, este é foi um factor determinante na sua vida e na sua criação.

Entre a publicação do seu primeiro opus e a sua morte, em Março de 1827, Beethoven prosseguiu uma brilhante carreira como pianista (até 1815) e como compositor, tornando-se muito popular em Viena e no estrangeiro, mesmo se as relações com o público nem sempre foram pacíficas. O funeral do compositor foi um verdadeiro evento nacional e o cortejo foi seguido por vários milhares de pessoas.

Costuma-se dividir a carreira de Beethoven em três fases distintas (ou em quatro, se considerarmos os anos passados em Bona), e embora esta divisão seja discutível, é extremamente útil para perceber a evolução estilística da sua obra. O primeiro período vai da sua chegada a Viena até 1802, e é durante estes anos que o compositor se estabelece como pianista e desenvolve as suas capacidades como compositor, nomeadamente ao assimilar as técnicas utilizadas pelos seus contemporâneos.

Em 1802 surge o Testamento de Heiligenstadt em que o compositor considera a hipótese de se suicidar – sobretudo por causa dos problemas crescentes de perda de audição –, e é aqui que se inicia o período intermédio. Durante os mais de dez anos que se seguem, Beethoven compõe várias das suas obras mais importantes e revolucionárias. Esta década, que se inicia em 1803-1804 com a *Sinfonia Eroica*, é muitas vezes apelidada de “década heróica”, por causa da natureza particularmente triunfante e gloriosa de algumas obras.

O período final tem um início bem menos definido do que o anterior. A partir de 1812-1813, Beethoven vê-se confrontado com inúmeros problemas pessoais: à perda de audição e à desilusão em relação à situação política na Europa, vêm-se juntar problemas de ordem sentimental, financeira e familiar – em 1815 o seu irmão Caspar Carl morre e o compositor entra numa batalha legal para assegurar a guarda do seu sobrinho Karl. Consequentemente, e no que diz respeito a obras significativas, estes são uns anos pouco produtivos para Beethoven, sobretudo se considerarmos a década anterior. Mas, nos últimos dez anos de vida (sobretudo a partir de 1818, ano em que acaba a *Sonata para Piano* op. 106, *Hammerklavier*), Beethoven compõe algumas das suas obras mais significativas e influentes. Além de introspectivas e enigmáticas, como é o caso das últimas sonatas para piano e dos últimos quartetos de cordas, as obras deste último período estilístico apresentam também uma complexidade formal e harmónica inovadora. Foram sobretudo estas últimas obras que inspiraram os compositores do século XIX e que propulsionaram a música para o romantismo.

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

Compositor austríaco, nasceu e morreu em Viena. Em 1808 foi admitido como soprano na capela imperial, passando a viver no Konvikt. Em 1812 foi aluno de teoria musical com Salieri. A sua inspiração criadora foi herdada de Mozart e

Haydn, ambos determinantes no seu estilo, tendo também reconhecido na música do seu contemporâneo Beethoven "um ideal inatingível". Realizou-se plenamente no domínio lírico, especificamente no *Lied*, género que os seus antecessores ainda não tinham abordado. Entre a abundante produção de Schubert, as sonatas são injustamente negligenciadas, facto que se deve principalmente ao relativo desconhecimento desta parte do repertório schubertiano.

Schubert representa a personalidade contemplativa, viajante solitário com aspirações panteístas. A sua música reflecte essa ânsia de fuga e de lirismo, é prolixa, fértil em prolongamentos e digressões, repetitiva. Na realidade, a mais bela da sua música é feita de reminiscências de temas inesquecíveis. Ao génio melódico, alia-se o génio modulador do compositor, que oscila incessantemente entre tonalidades maiores e menores, alargando o domínio da tonalidade e definindo as fronteiras da atonalidade. Em Schubert, a escrita pianística toma as cores da intimidade e da espontaneidade; a sua fantasia transcende as regras, para cantar a ternura ou a melancolia risonha.